**EQUOTERAPIA COMO AUXÍLIO TERAPÊUTICO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - REVISÃO DE LITERATURA**

COURA, Rafaela Coura¹\*; SILVA, Maria Thereza Gomes de Freitas Rocha¹; SILVA, Thais de Cássia Pinto¹; MARQUES, Maria Clara Fonseca¹; ARAÚJO Carolina Morais²

*¹Graduanda em Medicina Veterinária, UNIPAC, Conselheiro Lafaiete, MG*; *²Docente do curso de Medicina Veterinária, UNIPAC, Conselheiro Lafaiete, MG.* *\**[*221-000738@aluno.unipac.br*](mailto:221-000738@aluno.unipac.br)

**RESUMO:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por prejuízos na comunicação, padrões comportamentais repetitivos e comprometimentos na interação social, demandando intervenções terapêuticas multidisciplinares. Dentre as abordagens complementares, destaca-se a equoterapia, prática que utiliza o cavalo como mediador terapêutico para promover ganhos físicos, cognitivos, emocionais e sociais. Os estudos evidenciam que, ao integrar áreas como saúde, educação e equitação, a equoterapia favorece o desenvolvimento motor, a autorregulação emocional e a socialização. Contudo, desafios relacionados à acessibilidade, financiamento e regulamentação ainda limitam a ampliação da equoterapia no contexto terapêutico nacional. Esta revisão de literatura teve como objetivo analisar os benefícios da equoterapia no tratamento de crianças com TEA. Conclui-se que, apesar dos desafios de acessibilidade, a equoterapia se mostra uma estratégia terapêutica eficaz e integrativa, com benefícios nos aspectos motores, sensoriais, emocionais e sociais.

**Palavras-chave:** desenvolvimento infantil, equinos, terapia assistida por animais

**INTRODUÇÃO**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é entendido como um transtorno do neurodesenvolvimento, onde o indivíduo apresenta diminuição cognitiva, prejuízos na comunicação verbal e não verbal, padrões comportamentais restritos e comprometimento na interação social. Esses desafios impactam diretamente a autonomia, a socialização e o desempenho escolar e familiar, exigindo abordagens terapêuticas integradas e individualizadas (Silva et al., 2018). Mediante o diagnóstico feito por um médico profissional capacitado, são escolhidas as terapias que vão auxiliar no desenvolvimento do indivíduo, sendo uma delas podendo ser aplicada em conjunto, a equoterapia. Esta, tem como finalidade ajudar na melhora física e mental do paciente, contribuindo com desenvolvimento significativo (Paixão, 2021).

Assim, este trabalho visa apresentar uma revisão teórica sobre a aplicação da equoterapia como recurso terapêutico auxiliar no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

**REVISÃO DE LITERATURA**

De acordo com a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL) (2012), a equoterapia é uma técnica terapêutica que utiliza o equino dentro de uma abordagem interdisciplinar, envolvendo as áreas da saúde, educação e equitação, essa prática visa ao desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência ou necessidades especiais, favorecendo a estimulação sensório-motora, emocional e cognitiva. A interação com o cavalo e a resposta corporal exigida pela montaria contribuem para melhorias expressivas na coordenação motora, equilíbrio, postura e organização do esquema corporal (Duarte et al., 2019).

Historicamente, o cavalo tem acompanhado o ser humano em diferentes fases de sua evolução, desempenhando papéis variados ao longo do tempo. Atualmente, além de sua utilização em atividades esportivas e recreativas, o animal é amplamente empregado como recurso terapêutico e educacional. Seu uso se justifica, entre outros motivos, pelo simbolismo de força e poder que transmite ao praticante, despertando sensações positivas que contribuem para o fortalecimento da autoestima (Araújo, 2023). Além disso, o cavalo é utilizado como instrumento pedagógico, cinesioterapêutico, psicoterapêutico e de inserção social, dada sua capacidade de estabelecer vínculos afetivos e promover estímulos sensoriais e motores. Uma das razões fundamentais que favorecem o envolvimento humano com esse animal é a sua habilidade de expressar emoções com as quais é possível se identificar, o que facilita a construção de uma relação terapêutica significativa (Duarte et al., 2019).

A eficácia da técnica depende de uma equipe interdisciplinar, que inclui fisioterapeutas, psicólogos, terapeutas ocupacionais e profissionais de equitação que elaboram um plano terapêutico individualizado com base na avaliação do praticante e no acompanhamento contínuo. Normalmente, o profissional atua ao lado esquerdo do cavalo, garantindo a condução segura das atividades (Silva et al., 2018).

O contexto terapêutico criado favorece não apenas o desenvolvimento físico, mas também contribui para melhorias na socialização, estimulando vínculos interpessoais com a equipe e com outros praticantes. Os movimentos rítmicos e ordenados do animal auxiliam na organização postural e na adaptação tônica antecipada, promovendo equilíbrio e controle motor (Araújo, 2023). Além disso, a equoterapia estimula diferentes sistemas sensoriais. O ritmo e o balanço do cavalo ativam os sistemas proprioceptivo e vestibular, enquanto o contato com sua pelagem e o ambiente da montaria exercem influência sobre o tato. Os sons produzidos pelo animal e a perspectiva visual ampliada vivenciada pelo praticante contribuem com estímulos auditivos e visuais, tornando a prática rica em experiências sensoriais que favorecem o desenvolvimento global do indivíduo (Abreu et al., 2020).

A regulamentação da equoterapia no Brasil é estabelecida pela Lei nº 13.830, de 13 de maio de 2019, a qual define critérios técnicos e estruturais para sua prática. De acordo com essa legislação, os centros de equoterapia devem dispor de instalações apropriadas, cavalos devidamente adestrados para uso exclusivo na terapia, equipamentos de proteção e vestimentas adequadas, assegurando também a presença de atendimento médico de urgência, caso necessário. Além disso, é exigido que esses centros operem mediante alvará da vigilância sanitária e cumpram rigorosamente as normas sanitárias vigentes (BRASIL, 2019). Tais exigências visam garantir a segurança do praticante e o bem-estar animal, estabelecendo padrões mínimos de funcionamento para que a terapia seja conduzida de maneira ética, segura e eficaz.

Para a inserção do indivíduo na equoterapia, é necessário avaliar critérios clínicos e comportamentais, considerando as comorbidades associadas, como epilepsia, distúrbios ortopédicos severos e alergias. Além disso, é fundamental garantir um ambiente seguro e adequado para a prática, com avaliação cuidadosa do cavalo utilizado, sua conduta, temperamento e do espaço físico onde ocorrem as sessões (Cruz e Pottker, 2017). Apesar dos inúmeros benefícios, a equoterapia ainda enfrenta obstáculos relacionados à acessibilidade, custos financeiros e disponibilidade de centros especializados. A ausência de políticas públicas efetivas e o caráter complementar da terapia dificultam sua universalização. Paralelamente, deve-se considerar a ética no manejo do cavalo, assegurando seu bem-estar e a segurança do praticante em todas as fases do processo terapêutico (Duarte et al., 2019).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A equoterapia configura-se como uma estratégia terapêutica eficaz e integrativa no cuidado de crianças com Transtorno do Espectro Autista, proporcionando avanços significativos nos aspectos motores, sensoriais, emocionais e sociais. Através do vínculo estabelecido com o cavalo e da atuação de uma equipe multidisciplinar, essa abordagem promove a ampliação das habilidades comunicativas, a melhora na coordenação motora e o fortalecimento da autoestima. No entanto, apesar de seu potencial terapêutico, a equoterapia ainda enfrenta entraves que comprometem sua difusão e acessibilidade. A carência de políticas públicas específicas, os custos elevados envolvidos na manutenção dos centros e a escassez de profissionais especializados dificultam sua inclusão como tratamento complementar regular no sistema de saúde. Portanto, é necessário um maior investimento em pesquisas, formação de profissionais e fomento institucional para que a equoterapia seja reconhecida não apenas como uma terapia alternativa, mas como uma prática consolidada, ética e acessível no tratamento de indivíduos com TEA.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABREU, B. O., MOURA, D. A. OLIVEIRA, C. B. J, et al. Efeito da equoterapia no desenvolvimento motor de crianças com autismo. *Referências em Saúde do Centro Universitário Estácio de Goiás*, Goiânia, v. 3, n. 2, p. 68–72, 2020.

ANDE-BRASIL. Princípios e Fundamentos da Equoterapia. *Revista Nacional de Equoterapia*. Brasília, v. 15, nº 20, p. 363-372, 2012.

ARAÚJO, F. R. D. Equoterapia: uma abordagem multidimensional para o desenvolvimento biopsicossocial de indivíduos com deficiências e necessidades específicas. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação,* v. 9, n. 10, p. 809-824, 2023.

BRASIL. ***Lei nº 13.830, de 13 de maio de 2019***. Dispõe sobre a prática da equoterapia. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 156, n. 91, p. 1, 14 maio 2019.

CRUZ, B.; POTTKER, C. A. As contribuições da equoterapia para o desenvolvimento psicomotor da criança com transtorno de espectro autista, Maringá: *Rev. UNINGÁ Review*, v. 32, n. 1, p. 147-158, 2017.

DUARTE, L. P., LEAL, J. A., HELLWIG, J. M., BLANCO, G. S., DE ALMEIDA DIAS, S. L. Revisão bibliográfica dos benefícios que Equoterapia proporciona a pacientes com Transtorno do Espectro Autista. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 2, n. 4, p. 2466-2477, 2019.

PAIXÃO, D. S.; FABIANO, L. C.; FURLAN, J. P. M. Equoterapia como recurso terapêutico em transtorno do espectro autista (tea): revisão integrativa. In: ALMEIDA, F. A. DE. *Autismo: Avanços e Desafios*. Editora Científica Digital, 2021. p. 142-150. 2021.

SILVA, A. S. M. D.; LIMA, F. P. S. D.; SALLES, R. J. Vínculo afetivo de crianças autistas na equoterapia: uma contribuição de Winnicott. *Boletim-Academia Paulista de Psicologia*, v. 38, n. 95, p. 238-250, 2018.